

## Relato Crítico – Fausto, Underground, Arca Russa; Museu do Imaginário, Amor pela Arte, On The Museum's Ruins.

---

*Laura de Medina Barros, nº USP: 7255997.*

Durante esta primeira parte do curso foi vistos três filmes (Fausto, Underground e Arca Russa) e lidos três textos (As Vozes do Silêncio, 1º Vol. – O Museu Imaginário: As Metamorfoses de Apolo; O Amor pela Arte – Os Museus de Arte na Europa e seu Público; On The Museum's Ruins).

O filme Fausto (de Alexandr Sokurov, 2012) conta a história do Dr. Georg Faust que, no começo do filme, o mostra numa procura pela localização da alma no corpo humano. Ele não consegue achar, frustrado, sem dinheiro, sem perspectiva de melhora sai pelas ruas da pequena cidade onde mora. Nessa andança cruza o caminho com uma casa de penhores peculiar e com seu dono mais peculiar ainda. Então ele vai penhorar um anel para conseguir algum dinheiro. Numa conversa um tanto enigmática o dono da casa de penhores, Mefistófeles, não aceita o anel, dizendo que não tem nenhum valor monetário.

Dr. Faust sai e volta para casa. Um tempo depois Mefistófeles vai a casa do Fausto, devolvendo-lhe o anel deste que o havia esquecido. Mefistófeles o convida para sair, então os dois saem. Durante esse passeio, Mefistófeles leva Fausto para um lugar onde as mulheres lavavam as roupas, lá ele vislumbra uma jovem garota, Margarete. que o encanta, quando ele ia chegar perto dela, Mefistófeles começa uma confusão com outras mulheres e Faust o arranca de lá. Depois Mefistófeles o leva para uma taverna, onde ele numa confusão mata um jovem. Fausto fica em estado de choque com o assassinato, não consegue assumir a culpa, acaba por jogá-la completamente em cima de Mefistófeles e este a devolve para Fausto.

Ele fica temeroso com as possíveis consequências desse ato, e isso piora quando Mefistófeles mostra quem era a família do jovem garoto que ele matara. Ele era irmão da jovem garota que ele se encantou no lugar de lavar roupas das mulheres. Fausto fica mais angustiado, se pergunta como ele vai resolver. Então começa a barganha. Através de um pacto de sangue Mefistófeles consegue a garota para ele, mas em contra partida Fausto (ao que me pareceu sem ter a noção real do acordo) dá ao Mefistófeles sua alma.

Quando Fausto vai atrás da Margarete, depois do acordo, ele a agarra quando ela ia se jogar num lago. Na cena seguinte aparecem os dois, ou melhor, o corpo de Margarete e Fausto; Mefistófeles o leva do local onde eles estão, enquanto outros (ajudantes do Mefistófeles? Não sei) levam o corpo de Margarete para outro lugar. Aí da a impressão que os dois estão mortos, em outra dimensão (inferno, purgatório? Ela no céu?). No final, me pareceu ser uma espécie de purgatório ou quase inferno, pois nos últimos minutos do filme Fausto ouve a voz da Margarete e começa a seguir em direção a ela como se fosse sua redenção. E depois de ver o filme ao pesquisar sobre o filme e dar uma lida por cima no poema de Goethe (da qual o filme se baseia) nessa cena final Margarete é salva pelo Senhor e ela salva Fausto do inferno.

O segundo filme, Underground (de Emir Kusturica, 1995) fala sobre dois amigos Marko e Crni que vendiam armas no mercado negro. Marko era líder de uma banda que sempre andava tocando com eles. Durante a Segunda Guerra Mundial eles com mais alguns refugiados se escondem dentro de um porão gigantesco e o negócio das armas continuaram, só que eram vendidas para a resistência, com isso os dois ganharam muito dinheiro. Marko tinha um irmão, Ivan, que era dono de um Zoo, mas que foi destruído logo quando a 2ª Guerra deflagrou na Iugoslávia, só sobrou um macaquinho filhote (que ficou com ele durante o todo o tempo). Crni era apaixonado por uma atriz do teatro, Natalija. Durante a guerra, com a morte de sua esposa, Crni vai atrás da Natalija e a sequestra das ruínas do teatro onde trabalhava (nesse tempo ela já flertava com um oficial nazista) e junto leva o irmão de Natalija que é deficiente físico. O tempo passa, a guerra vai dando continuidade, a Natalija é resgatada pelo oficial nazista e que leva Crni com ele, aí é re-resgatada pelo Marko e que leva de volta o amigo para o porão...

Terminada a 2ª Guerra Marko e Natalija (que se casam em segredo de Crni) estão na superfície e são tratados como heróis pelo novo governo. Os dois mantêm Crni e os refugiados (incluindo Ivan o irmão de Marko) no porão como se a 2ª Guerra ainda não tivesse acabado por mais 15 anos depois do real término da guerra. Marko usa de dispositivos para fazer de conta que a guerra ainda continuava: sirene anti bomba á manivela, aparelho de rádio e um esquema de espelhos para poder espionar e tomar conta do que ocorria no porão e com ajuda de um “comparsa” dentro do porão que atrasava frequentemente um tanto o relógio do porão, tirando assim alguns anos desses 15 se foram passando. Enquanto os refugiados continuavam a fabricar as armas junto com Crni e de seu filho (com a sua falecida esposa que morrera no

parto), de tempos em tempos Marko entrava no porão para buscar as armas e levar mantimentos e para ajudar a dar credibilidade à farsa.

Durante a festa de casamento do filho de Crni todos estão reunidos, Marko, Natalija, Crni, Ivan e o macaco e todos os refugiados. Para manter a farsa e esconder o casamento de Marko e Natalija, esta seduz e fica com Crni durante toda a festa (enquanto se mantém minimamente sóbria). Crni e seu filho planejam atacar os nazistas logo depois da festa de surpresa e não avisam Marko e nem Natalija. Na superfície, durante o novo governo está sendo rodado um filme da “gloriosa” história de Marko e de seu amigo “falecido” durante a guerra Crni. Quando Crni e seu filho saem para a superfície dão de cara com os atores caracterizados (o que é bizarro é que os atores são iguais às pessoas que eles representam, e isso torna essa cena mais estranhamente e grotescamente bizarra!) e o set de filmagens. Crni vê os “nazistas” (os atores vestidos de nazistas) e o “oficial amante” da Natalija (que o real, original, já estava morto), Crni não percebe que aquilo é uma fantasia e ataca com rifles e balas de verdade o elenco nazista do filme levando ao caos. Aí tropas do governo vão ao local de helicóptero para colocar ordem. O dia nasce e Crni mostra a seu filho a luz do sol. O filho se afoga e é levado por sua esposa (que tinha se jogado do poço que havia no porão de desespero por não achar seu recém-marido) e ela o leva para as profundezas do lago (ou rio, ou mar fechado, eu não sei). E Crni fica desesperado por não encontrar seu filho.

Paralelamente Ivan perde seu macaco (que entra dentro do tanque de guerra que havia no porão e atira 2 balas sem ter noção do que estava fazendo, levando a festa ao caos, além do caos do álcool); o macaco sai do porão e cai numa rede de tuneis, vias expressas subterrâneas, Ivan vai atrás, ele não acha o macaco e acaba indo para Berlin. Marko sai com Natalija e vão para um lugar longe dali depois de explodir a casa com o porão (não se importando com quem estava lá embaixo).

No fim, Ivan, já envelhecido volta para o que era a Iugoslávia em plena Guerra da Iugoslávia e acaba por achar seu macaco dentro dos tuneis, o macaco leva-o para a superfície onde era a casa e o porão, ao ver a cena de seu irmão ser morto e queimado se suicida enforcando-se. Crni acaba por se tornar general de um dos lados da guerra. Marko e Natalija voltam para sua antiga cidade. Por uma confusão na comunicação Crni manda matar e incendiar os corpos de Natalija e Marko. Quando ele vai checar a ordem ele recebe os passaportes dos dois que foram confiscados e fica abalado, fica correndo atrás da cadeira de rodas motorizada de Marko com a Natalija no colo dele pegando fogo os dois tentando apagar o fogo e ao não conseguir chora aos pés da cruz no meio da praça onde estão. Depois ele encontra o macaco de Ivan, Crni o leva, eles vão ao antigo porão, em ruínas, lá ele vê a imagem do filho das águas do poço, fica feliz e mergulha na água.

As últimas cenas que me faz lembrar a última cena do filme Titanic, todos se reencontram nas águas, Marko e seu irmão Ivan, Natalija e seu irmão, filho de Crni e sua esposa, Crni, a falecida esposa de Crni, a banda e todos ligados a essa grande família. Eles nadam para uma praia ou ilha com umas vacas no pasto. Tem uma grande mesa farta e eles comemoram todos felizes e alegres regados a muito vinho e os antigos hábitos continuam (atirar para o alto, Marko beber a bebida de Natalija para evitar que ela bebesse entre outros). Enquanto comemoram a parte de terra em que estão se solta do resto, tornando-se uma ilha que sai navegando sem rumo.

O terceiro e último filme, Arca Russa (de Alexandr Sokurov, 2002) conta a jornada de um cineasta do séc. XXI e como acompanhante um diplomata francês do séc. XIX no museu Hermitage em S. Petersburgo no ano de 1700. Começando por essa data eles percorrem as dezenas de salas do museu ao mesmo tempo em que percorrem o tempo, a História da Rússia. Em alguns momentos eles se veem nos dias de hoje em uma das salas; em outra sala veem a Catarina, a Grande com seus filhos; noutra um baile do Czar Nicolau II; e etc. No começo, eles entram no museu pela porta dos bastidores em conjunto a duas damas vestidas para um baile acompanhadas por alguns rapazes vestidos com alguma roupa entre farda e roupa de festa. Durante essa primeira caminhada eles observam várias salas com varias cenas ocorrendo simultaneamente e que ocorrem em épocas diferentes. Seguindo mais a frente passam por uma sala cheia de mecanismos como se fosse a parte de trás de um palco e as cochias de um teatro. O diplomata francês sempre questiona o grande saber da história e das cenas que eles observam que seu interlocutor, o cineasta (com a câmera), o cineasta sempre fala que ele é de outra época, mais a frente que ele.

O cineasta ao mesmo tempo em que filme, nos mostra essa jornada, também a narra contando para o diplomata o que ele não sabe ou pergunta. O diplomata fica fissurado pelas obras, pinturas, ama o cheiro da tinta à óleo. Ao mesmo tempo em que parece não gostar das copias das grandes igrejas italianas na decoração das paredes de uma determinada ala do museu. Os dois passam um pouco despercebidos ou as pessoas que eles cruzam não dão muita importância a eles. O filme acaba com a saída do grande baile do Czar Nicolau II e o diplomata querendo ficar ali, não querendo continuar. O cineasta vai, seguindo o fluxo dos convidados que estão saindo. Ele termina numa janela que parece que é possível ver os jardins do palácio, mas logo é coberto por uma neblina e nuvens de tempestade (suponho que poderia ser um prenuncio da deposição do Czar e do assassinato da família real por completo).

Algumas peculiaridades dos filmes. O filme Fausto foi filmado com um enquadramento bem diferente, quadrado, lembrando uma moldura de filmes antigos ou de fotos antigas. O terceiro filme foi filmado em uma tomada só, a câmera ficou rodando sem parar durante todo o filme, sem cortes.

Esses foram os resumos dos três filmes assistidos. Os três textos lidos em seguida falam sobre museus de três formas, três visões diferentes.

O primeiro texto (“Museu do Imaginário”) aborda um pouco da história de quando surgiram os museus, comenta que coisa, museu, nem sempre existiu, é uma “invenção” moderna, do séc. XVIII e XIX. Fala de como isso se desenvolveu. Isso começou com as galerias e coleções dos nobres e reis do antigo regime na Europa e que com a Revolução Francesa teve uma quebra e essas coleções começaram a ser reunidas juntas em um único espaço (por exemplo, o Louvre). Com a popularização dessas obras com a criação dos museus (por causa da Rev. Francesa - isso é minha análise pensando no texto “Alegoria do Patrimônio” de Françoise Choay lido na disciplina Preservação do Patrimônio Cultural no Brasil) Essas obras foram organizadas de maneira diferente, juntando o que antes nunca se veria junto, com isso as obras iam perdendo seus significados originais.

Outro ponto é para a arte sobrepujada à religião. (na Idade Média, arte românica e gótica, são os exemplos do autor, até o renascimento), os artistas dessas épocas não tinham a noção da arte pela arte simplesmente, as da arte ser uma atividade para fins de outras (religião, História e afins), com o passar dos anos isso foi mudando e o pensamento artístico mudou também. Então é possível interligar com o começo do texto. Para essas obras que serviam para a igreja/religião serem apreciadas por pessoas que não pertencem a essa ou aquela religião ilustrada pelas obras, há a necessidade de despoja-la de seu significado original, transforma-la em obra de arte pura. (Por exemplo, um santo, ela antes de ser um santo é uma estátua, hoje é fácil essa ideia, por isso ateu, protestante e até evangélicos podem admirar santos de escultores famosos num museu sem problemas para sua crença ou descrença! - exemplo meu). E a questão das reproduções e dos originais.

As diferenças que as gravuras e fotos P&B e posteriormente as fotos coloridas ao mesmo tempo expandiu o conhecimento artístico, atingindo mais pessoas e tornando as coleções artísticas museológicas mais portáteis. (Ainda mais com o advento da internet e celulares smartphones e tablets, isso especificamente não é dito no texto, mas é uma projeção minha do texto, dado q ele foi escrito na dec. 1960). Fala da perda que essas reproduções têm em relação aos originais: perda na proporção das obras apresentadas juntas num álbum, num livro, etc. (p. Ex., uma estátua grega ou uma estátua de coluna com uma estatueta de santo; um painel ou afresco com um quadro e etc.), para as gravuras e fotos P&B, antigas, perdia-se as cores das obras retratadas, e davam mais ênfase ao desenho (o texto fala q a história da arte é pautada pelo desenho e não pela cor, pelo q eu entendi. E eu não entendi o q significa exatamente isso!); e mesmo as fotos coloridas fogem disso.

O texto também aborda o fato da pintura servir também como meio de contar histórias, de ilustrar a História e a Religião! Mas é do pinto de vista do pintor sempre, sempre não é uma história imparcial. Isso também é levado para a esfera dos museus em si, ou seja, através das salas, da curadoria, do museu é possível contar histórias, mostrar como era uma época do passado (ou um estilo artístico antigo e quase perdido). E que hoje muitas dessas propostas de passado (histórico e artístico) caem por terra com o advento da arqueologia e de estudos mais aprofundados realizados hoje em dia. O texto também fala muito sobre os pintores em si, sobre sua trajetória, sobre a negação de estilo anterior para propor um novo, o importante papel da Igreja Católica no mecenato durante a contrarreforma e fala como a arte passou de ilustradora da História, de fatos e foi até de contadora e criadora de histórias fictícias ou semi fictícias.

O segundo texto (“Amor pela Arte”) fala sobre o museu na perspectiva estatística, isto é, o autor faz uma pesquisa nos museus da Europa para contabilizar quantas pessoas e a qualidade dessas pessoas que visitam os museus e levantar questões sobre isso.

Ele questiona na época da pesquisa, os museus são abertos ao público, mas ao mesmo tempo não tem acessibilidade a todos. Só quem é que tem educação mais elevada (estudo, instrução) é que sabe aproveitar melhor as riquezas que se encontra nos museus e é o grosso das pessoas que frequentam esses lugares. É, também, nessa camada em que se tem e se sente a “necessidade cultural”, a necessidade de cultura, de se ter e adquirir e ampliar a cultura. E essa “necessidade cultural” produto da educação, da escola. E como a ação da escola é diferente para cada camada da população, essa “necessidade cultural” também será. Para quem tem uma maior bagagem vinda de casa (da família), a escola irá se aproveitar e vai engrossar essa bagagem; para quem tem uma bagagem menor ou nenhuma, a escola irá aumentar muito ou criar. O que digo de bagagem são os conhecimentos e as habilidades técnicas artísticas (para este caso do texto). E continua, “Será que os museus seriam capazes de proporcionar cultura a quem não possuía condições melhores de educação? A vontade de ir ao museu por aprendizado era comente dos indivíduos de classe alta?”, “O verdadeiro imã do turismo é a curiosidade histórica”. O autor percebe que na época do livro (déc. 60) a arte nunca foi tão importante e tão difundida, saboreada e tão analisada. Se

extrapolarmos para os nossos dias (déc. 2010), isso fica mais evidente ainda pelo advento (já comentado anteriormente) da internet, cada vez mais rápida e cada vez em mais lugares; dos computadores portáteis (notes e nets books); dos celulares smartphones e dos tablets; o que torna a arte largamente divulgada, os próprios museus criando acervos online, visitas online, com obras em qualidade Full HD podendo ser vista de graça e em qualquer lugar, com cada vez mais aplicativos para Android e IOS dos museus mais importantes com seus acervos digitalizados. Com a facilidade de se obter informações sobre acerca de qualquer coisa num clique ou num dedo!

Para responder a esses questionamentos ele faz essa pesquisa (que não detalharei aqui por não ver sentido no intuito deste texto).

A conclusão que o autor chega é de que o gosto e a cultura não vêm de berço, não nasce junto ao indivíduo, mas é adquirida arbitrariamente pela família e/ou pela escola. E por esse modo, parece, para o autor, que a função do museu é justamente intensificar essa diferença: fortalecimento do sentimento da filiação em uns e o da exclusão a outros.

Pegando o último parágrafo do texto que para mim é mais claro:

“O museu fornece a todos, como se tratasse de uma herança pública, os monumentos de um esplendor passado, instrumentos da glorificação suntuária dos grandes de outrora: liberalidade factícia, já que a entrada franca é também facultativa, reservada àqueles que, dotados da faculdade de se apropriarem das obras, têm o privilégio de usar dessa liberdade e que, por conseguinte, se encontram legitimados em seu privilégio, ou seja, na propriedade dos meios de se apropriarem dos bens culturais ou (...) no *monopólio* da manipulação dos bens de cultura e dos signos institucionais da salvação cultural”.

O terceiro e último texto (“On the Museum’s Ruins”) fala sobre um artista, Marcel Broodthaers, que cria sua própria coleção, que se torna um museu em seu próprio estúdio por não ter recursos para construir uma coleção, então ele cria com suas próprias obras uma coleção. O museu de Broodthaers é um museu de ficções, cujas obras estão relacionadas com o seu trabalho (foco nas condições de enquadramento institucional e a fascinação pelo séc. XIX). As instalações desse museu lembram o séc. XIX, contudo os arranjos das pinturas lembrassem o séc. XVIII (onde as galerias de pintura eram puramente decorativas).

O texto também aborda o colecionar e o colecionador. O autor fala sobre as coleções particulares, que para um colecionador cada objeto seria uma enciclopédia de todo o conhecimento de um tempo. Que o encanto era enclausurar, prender, o objeto como se o petrificasse, o estacionasse no tempo. E também aborda as coleções públicas, que são os museus; para o autor estas coleções, sem um proprietário (nesse caso seria uma instituição ou o próprio governo), perdem o seu sentido. Entretanto, as coleções públicas, os museus, são úteis academicamente (por questões artísticas, como aprendizagem das técnicas por observação e cópia, como eram feitos em larga escala na França pré-revolucionária e nos primeiros anos da revolução. Ou didaticamente como ilustração para a aprendizagem da história). No sentido do museu oferecer uma história cultura, ele conta de uma forma particular, tirando o objeto de seu contexto original e recolocando em outro que supostamente era onde ele estaria (ou que quereríamos que ele estivesse).

Esses foram os materiais vistos e lidos. Agora podemos linkar algumas coisas dos filmes com os textos.

Tanto o segundo filme, *Underground* como o terceiro, *Arca Russa*, vemos a contação de história, de uma história.

No *Underground* é uma história inventada para manter um grupo de pessoas presas num certo tempo, separadas e colocadas num tempo estático, assim como é colocado uma peça de museu ou um monumento. (Por exemplo, um conjunto de móveis que foi para um museu - eles saíram de seus usos, possivelmente foram restaurados para como ele teria sido quando foi fabricado, e colocado numa vitrine ou em um espaço reservado. Esses móveis foram retirados do tempo em que estavam vivendo, o agora, e recolocados em um tempo específico petrificado, como se o tempo não tivesse passado. Um exemplo poderia ser o Museu Paulista).

Em *Arca Russa* é uma profusão de tempos em um mesmo lugar, em um quarto você está no séc. XVII e no seguinte no XIX, mais a frente nos dias de hoje, às vezes numa mesma sala temos épocas e tempo todos juntos. Isso evoca o primeiro texto, que fala sobre a construção dos museus, da saída das obras das galerias particulares dos nobres e reis e indo para estabelecimentos, os museus, e reunindo sem preocupação as obras de fulano, de ciclano, de época X, de século Y.

Os museus podem organizar seus acervos dos mais diversos jeitos, por tema (onde ocorre uma profusão de tempos e estilos juntos numa mesma sala, ou uma ordenação secundária justamente pelas épocas e/ou estilos, como vemos nas exposições MITOS do MASP). Nesse mesmo assunto podemos também pensar nos tipos de museus que recriam espaços como eram (ou como seriam) usados numa certa época. Onde se pode pensar também no primeiro texto e no terceiro, onde o museu pode ser referência para uma história, para um estudo da História. Museus desse jeito são: Museu Imperial de Petrópolis (que

recria, no palácio de veraneio de Petrópolis, os cômodos, a vida e o cotidiano da Família Real no período do segundo reinado em sua residência oficial, Quinta da Boa Vista na então capital) e o Museu da FEB, no Palácio Rio Negro, Petrópolis, onde recriam os quartos e suítes dos presidentes do palácio de veraneio do Presidente da República.

Com o filme Fausto podemos discutir o modo como o diretor escolheu o enquadramento, bem diferente, mimetizando os filmes antigos ou fotos antigas, talvez para dar maior clima ao filme que se passa numa época do passado, mas sem ser possível especificá-la muito bem: pelas roupas lembra os primeiros anos do séc. XIX, mas pela escuridão do filme, tanto na luz como no sentimento e no conhecimento (de certa forma, o conhecimento científico puro – seria a Medicina, e a religião, bem separada, mas ainda muito junta), arremete-se à Idade Média (onde, inclusive é a lenda do Fausto e onde originalmente se passa no poema do Goethe), essas questões, de dar um maior clima a cena, ao que é mostrado, artifícios usados no teatro (que arremete, novamente ao filme Arca Russa) é usado na arte (Barroco) e é usado pelos museus, criando cenários para suas obras, criando uma atmosfera para que o visitante mergulhe de cabeça com o que mostrado, seja a arte ou os artefatos. Como na mostra sobre a senzala no porão que antigamente era usado como senzala do Museu Casa dos Contos em Ouro Preto e Museu Imperial e o Museu FEB também já citados, mesmo nas diversas igrejas barrocas abertas a visitação (que não se precisa de muito para já criar toda a atmosfera).

O segundo texto aborda em formato de pesquisa e estatística o perfil de quem visita os museus e se poderia ou não haver mudança ao longo do tempo desse perfil. Bom, a meu ver esse perfil está um pouco desatualizado, mas não completamente. Tenho a impressão que ainda a maior parte da população que visita os museus é de pessoas que teve uma educação de qualidade e teve bagagem cultural adquirida na família e/ou pela escola. Mas com profusão de informações e elas são mais interessantes (seduzem mais) por conta da internet e, principalmente, pelo advento das redes sociais mais gente, mesmo que não tenha tanto background vindo de família e/ou escola, tem uma quantidade maior de amigos (virtuais) que mostram conteúdos diversos e que podem influenciar tão ou mais que a família e a escola. Com séries de TV, filmes, games e livros cada vez mais tratando de épocas do passado e tratando também sobre arte ou artistas, aumentam a curiosidade e a vontade de buscar mais informações acerca aquele universo. Como, por exemplo, o episódio do Van Gogh da série Doctor Who ou a época vitoriana e a ciência na série de livros do detetive Sherlock Holmes do Sir A. C. Doyle, ou a série Os Impressionistas da BBC entre vários.